

Os impactos da sazonalidade da produção de leite numa indústria de laticínio no Estado de Mato Grosso do Sul.

Alencar Garcia Bacarji¹ Rosemar José Hall² Hélio Zanon³
alencarbacarji@gmail.com rjhall@ufgd.edu.br heliozanon@hotmail.com

1 Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), Faculdade de Dourados – FAD / IESD – Dourados, MS, Brasil.

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), PROPP – Dourados, MS, Brasil.

2 Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), FACE – Dourados, MS, Brasil

3 Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), Faculdade de Dourados – FAD / IESD – Dourados, MS, Brasil.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi examinar a problemática observada num laticínio do Estado de Mato Grosso do Sul, nos últimos dois anos (2005 a 2006) demonstrando como a instabilidade no recebimento da matéria-prima torna ociosa a capacidade de produção nos laticínios em determinado período do ano (período de seca), sendo considerada o período de maior redução do volume de leite in natura entregue pelo produtor. Para o desenvolvimento do trabalho, foi realizado um estudo exploratório, por meio de um levantamento dos principais estudos teóricos e empíricos na área, sendo utilizada como técnica de coleta de dados a entrevista focalizada individual, aplicada a uma amostra de produtores do laticínio por meio de um questionário fechado. Os resultados revelam que apesar do laticínio desenvolver ações que visam a redução na sazonalidade na produção de leite, a instabilidade na produção atingiu índices significativos sendo 15% e 17%, em 2005 e 2006 respectivamente.

Palavras-Chave: produção de leite, sazonalidade, laticínio.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Guimarães (1995) o processo de modernização das indústrias laticinistas vem sendo desenvolvido de forma a considerar a sazonalidade da produção leiteira e a precariedade das estradas como problemas chaves a serem solucionados, uma vez que estas configuraram empecilhos pelos elevados custos de transportes da matéria-prima e de estocagem, bem como de distribuição dos produtos.

De modo geral, a sazonalidade traz como consequência a instabilidade no volume de leite entregue nas plataformas das indústrias de recebimento de leite do país. Em Mato Grosso do Sul esse fator é observado de forma determinante durante os meses compreendidos entre março a setembro (outono e inverno).

No Estado de Minas Gerais, conforme afirmam Lins e Vilela (2006), foi verificado que os preços recebidos pelo produtor nos últimos anos, tiveram comportamento sazonal, visto que foram menores no verão e maiores no inverno. De maneira inversamente proporcional oscila o recebimento da matéria prima pelos laticínios, sobressaindo entre as razões para explicar tal comportamento: 1) sazonalidade na produção de leite, com maior oferta no período das águas e menor no da seca; 2) sazonalidade no custo de produção de leite, em razão da predominância de sistemas de produção à base de pasto; e 3) falta de especialização

no rebanho leiteiro. Essa realidade se expande pela maior parte das Unidades da Federação, sendo uma realidade a ser administrada de maneira adequada pelas indústrias laticinistas do país.

Esse fenômeno pode ser explicado, pois a produção brasileira de leite é tipicamente sazonal, visto que é maior no verão e menor no inverno. Tal comportamento reflete o sistema de produção, à base de pasto predominante no país. As forrageiras produzem mais no verão, o que causa maior produção de leite nesse período. A concentração da produção de forragem no verão resulta, também, em menor custo de produção de leite no verão, porque reduz o consumo de concentrado pelo rebanho e aumenta o de forragens no pasto. A combinação de maior produção de leite com menor custo de produção no verão cria condições para reduzir o preço pago ao produtor nessa época, visto que o preço de sobrevivência deste é menor. Além desses fatores, sobressai ainda a não especialização do rebanho nacional, fator esse que onera a produção, uma vez que a produção é de baixa produtividade e qualidade. Assim, a sazonalidade da produção é acompanhada pela sazonalidade do preço do leite. (LINS & VILELA, 2006)

Com base na situação da pecuária leiteira nacional, sobretudo no Estado de Mato Grosso do Sul, esse trabalho visa demonstrar quais os impactos ocasionados pela instabilidade no recebimento de leite *in natura* numa indústria laticinista do Estado.

O laticínio analisado está sediado na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, o qual adotar-se como laticínio “C” preservando em sigilo a identidade da empresa. A referida empresa produz diversos derivados de leite, entretanto, para manter a excelência na qualidade e produtividade depende de fluxos regulares de leite *in natura* em sua indústria. Para obter êxito, a indústria tem que ter controle da produção durante todo o ano, sendo necessário para sua longevidade realizar um estudo detalhado sobre a variável sazonalidade.

De acordo com dados disponibilizados pela empresa, foi realizada avaliação da quantidade de leite recebida nos diferentes períodos chamados de “período das águas” compreendido entre outubro a fevereiro e “período das secas” compreendido entre março e setembro, nos últimos dois anos (2005-2006).

Após a avaliação dos dados será possível concluir, se à sazonalidade no Estado de Mato Grosso do Sul, especificamente no laticínio “C”, encontrar-se-á mecanismos de superação, ou se ainda é conflitante para o bom desempenho da produção industrial.

Na avaliação, realizada, foram observados o recebimento de leite em diferentes períodos do ano e os fatores que interferem na queda da produção que foram o objeto de estudo desse trabalho. Desse modo, a redução do volume de leite que ocorre em determinados períodos do ano, chamada de entressafra, traz efeitos negativos sobre a indústria, sobretudo, pela oscilação e inconstância no volume de leite a ser processado.

Dessa forma, observou-se através o seguinte questionamento: Como o laticínio “C” tem se preparado para não sofrer com a queda do volume de leite entregue pelos produtores em determinados períodos do ano?

Visando responder a tal problemática, o presente estudo tem como objetivo verificar os impactos ocasionados pela oscilação na captação de leite *in natura* no laticínio analisado nos últimos dois anos (2005-2006). E, especificamente, pretende-se:

- a) Demonstrar o perfil dos produtores do laticínio;
- b) Verificar a captação de leite *in natura* em sua bacia leiteira, a qual compreende diversos municípios no Estado de Mato Grosso do Sul;
- c) Analisar como o laticínio analisado, vem se preparando para resolver o problema da redução da captação de matéria-prima em meses de baixa produção e quais as ações corretivas implementadas.

2. MÉTODO

Este estudo segue com foco metodológico centrado na cadeia produtiva do leite, entendido como um conceito amplo, onde se considera a inserção do produtor rural, da indústria, e dos postos de comercialização como agente de cada um dos elos.

Segundo a metodologia proposta por Lakatos e Marconi (2003), utilizou-se nesse estudo o método dedutivo, pois dispõe para o esclarecimento, teorias previamente estabelecidas. O método utilizado contempla um estudo exploratório, por meio de um levantamento dos principais estudos teóricos e empíricos que abordam o objeto da pesquisa. A coleta de dados teve como ponto de partida uma listagem de produtores fornecida pela diretoria do laticínio analisado. A técnica de coleta de dados adotada foi da entrevista focalizada individual aplicada a uma amostra de produtores, através de um questionário fechado.

Dado a escolha de uma pesquisa exploratória, este estudo não teve como objetivo apresentar hipóteses e sim ajudar a estabelecer as prioridades a pesquisar.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CADEIA DE PRODUÇÃO

O desenvolvimento da cadeia produtiva do leite está relacionado com os aspectos geopolíticos e sociais da região da qual faz parte. Cadeia produtiva pode ser definida como a rede constituída por diversos segmentos, que geram relações de força coletiva e que influenciam diretamente as estratégias mercadológicas e comerciais, assim como a tomada de decisão de cada um dos segmentos envolvidos. Desse modo, entende-se que o produtor deve estar atento aos fatores envolvidos como apropriação de tecnologia, e essa nem sempre deve ser vista como a alta tecnologia, mas medidas simples e eficazes que visam obter um bom resultado na relação produção / produtividade dentro dos recursos existentes.

Para poder competir e permanecer na atividade de forma satisfatória, os produtores devem buscar uma gestão adequada para a propriedade rural, priorizando os pontos importantes como capacitação, profissionalismo e competência que envolve conhecimento e um forte compromisso com a qualidade da matéria-prima e processos de produção. Segundo afirma a diretoria do laticínio analisado, a capacitação não se restringe à transferência tecnológica ou ao simples treinamento, mas abrange uma preparação mais completa, incluindo a consciência profissional em busca da expansão da atividade.

Para tanto se deve priorizar entre vários fatores, uma boa genética no rebanho, considerando que a missão do produtor de leite é fazer de sua profissão uma atividade econômica duradoura. Seu objetivo principal deve ser a sustentabilidade, visando à

otimização do desempenho do rebanho e conseqüentemente o crescimento da atividade profissional.

3.2 PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL

O crescimento da produção leiteira nos últimos 25 anos foi relativamente estável, conforme apresentado na tabela abaixo.

Tabela 1: Produção de Leite, Vacas Ordenhadas e Produtividade Animal no Brasil – 1980/2005

Ano	Produção de Leite (milhões litros/ano)	Vacas Ordenhadas (mil cabeças)	Produtividade (litros/vaca/ano)
1980	11.956	16.513	724
1981	11.675	16.492	708
1982	11.816	16.387	721
1983	11.818	16.276	726
1984	12.303	16.743	735
1985	12.453	17.000	733
1986	12.879	17.600	732
1987	13.399	17.774	754
1988	13.941	18.054	772
1989	14.532	18.673	778
1990	14.484	19.073	759
1991	15.079	19.964	755
1992	15.784	20.476	771
1993	15.591	20.023	779
1994	15.783	20.068	786
1995	16.474	20.579	801
1996	18.515	16.274	1.138
1997	18.666	17.048	1.095
1998	18.694	17.281	1.082
1999	19.070	17.396	1.096
2000	19.767	17.885	1.105
2001	20.510	18.194	1.127
2002	21.643	18.793	1.152
2003	22.254	19.256	1.156
2004	23.475	20.023	1.172
2005	25.000	20.820	1.201

Fonte: Adaptado de <http://www.embrapa.br>

De 1980 para 2005 nossa produção evoluiu, de aproximadamente doze para vinte e cinco milhões de litros anuais. Um nível de crescimento satisfatório, que segundo especialistas, se deve a abertura de novas áreas de produção, como os cerrados de Goiás e as regiões do Triângulo e Alto do Paranaíba, em Minas Gerais, abertura de novas fronteiras em Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Sul do Pará. Além desse fato, soma-se a implantação de novas tecnologias de produção nas grandes propriedades rurais.

No início da década de 80, o nível de produtividade aproximava-se de 700 litros/vaca ao ano, sendo que no início de 2000 já se aproximava a 1.100 litros. (Tabela 1).

É interessante ressaltar, que em algumas regiões onde há bacias leiteiras consolidadas, esses números atingem um índice de até cinco vezes maior do que apresentado.

A produção de leite no Brasil emprega um número razoável de pessoas no campo e

participa ativamente da economia do país, com um rebanho nacional capaz de atender o mercado interno e externo.

A cadeia produtiva do leite é uma das mais importantes do complexo agroindustrial brasileiro. Movimenta anualmente cerca de US\$ 10 bilhões, emprega 3 milhões de pessoas, das quais acima de 1 milhão são produtores, e produz aproximadamente 20 milhões de litros de leite por ano, provenientes de um dos maiores rebanhos do mundo, com grande potencial para abastecer o mercado interno e exportar. (CARVALHO, p. 3, 2005).

Atualmente vêm ocorrendo mudanças geográficas no cenário nacional com relação à instalação das indústrias de laticínios, deslocando-se do eixo Sul-Sudeste em direção ao Centro Oeste.

Esse fenômeno vem ocorrendo, pois as indústrias vêm buscando operar dentro da sua capacidade de produção com regularidade no fornecimento de matéria prima, evitando a ociosidade de máquinas, equipamentos, bem como demissões de seus recursos humanos no “período de seca”.

Entre 1990 e 2000, a produção nacional de leite cresceu 37%, enquanto na Região Centro-Oeste o crescimento foi de 81% e, no Estado de Goiás, 105%. A Região Centro-Oeste abriga 35% do rebanho bovino nacional. A maioria das indústrias de laticínios instalada nos Cerrados opera com capacidade ociosa, isto significa que as indústrias acreditam na possibilidade de aumentar ainda mais a produção de leite nessa região (CARVALHO, p. 3, 2005)

Apesar de apresentarmos um potencial produtivo elevado, ainda temos uma produtividade relativamente baixa comparada com a média de outros países produtores de leite.

Tabela 2: Classificação Mundial dos principais países produtores de leite – 2005

	Países	Produção de Leite (mil toneladas/ 2005)	Percentual da Produção Mundial Total
1º	Estados Unidos	80.150	15.1
2º	Índia	38.500	7.2
3º	Rússia	30.600	5.8
4º	Alemanha	27.600	5.2
5º	França	25.282	4.8
6º	China	24.530	4.6
7º	Brasil	23.320	4.4
8º	Nova Zelândia	14.625	2.7
9º	Reino Unido	14.577	2.7
10º	Ucrânia	14.000	2.6
11º	Polônia	12.400	2.3
12º	Países Baixos	10.531	2.0
13º	Itália	10.500	2.0
14º	Austrália	10.150	1.9
15º	México	9.873	1.9
16º	Turquia	9.500	1.8
17º	Paquistão	9.082	1.7
18º	Japão	8.255	1.5
19º	Argentina	8.100	1.5
20º	Canadá	8.100	1.5
	Outros países	141.042	26.8
	TOTAL	530.718	100.0

Fonte: Adaptado de FAQ. In: R.Zoccal – Embrapa Gado de Leite

3.3 CADEIA PRODUTIVA DO LEITE: PECULIARIDADES DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Em geral, o Brasil e em particular o Estado de Mato Grosso do Sul, possui potencial, vocação e vantagens competitivas para a exportação, mas ainda não aparecemos em nenhuma lista de países e Estados expressivos exportadores de lácteos.

São desafios que somente serão vencidos depois de implantada uma boa política de desenvolvimento organizacional, prezando pela estabilidade de preços e conseqüentemente pela regularidade da produção.

A cadeia produtiva do leite em Mato Grosso do Sul está estruturada da seguinte maneira:

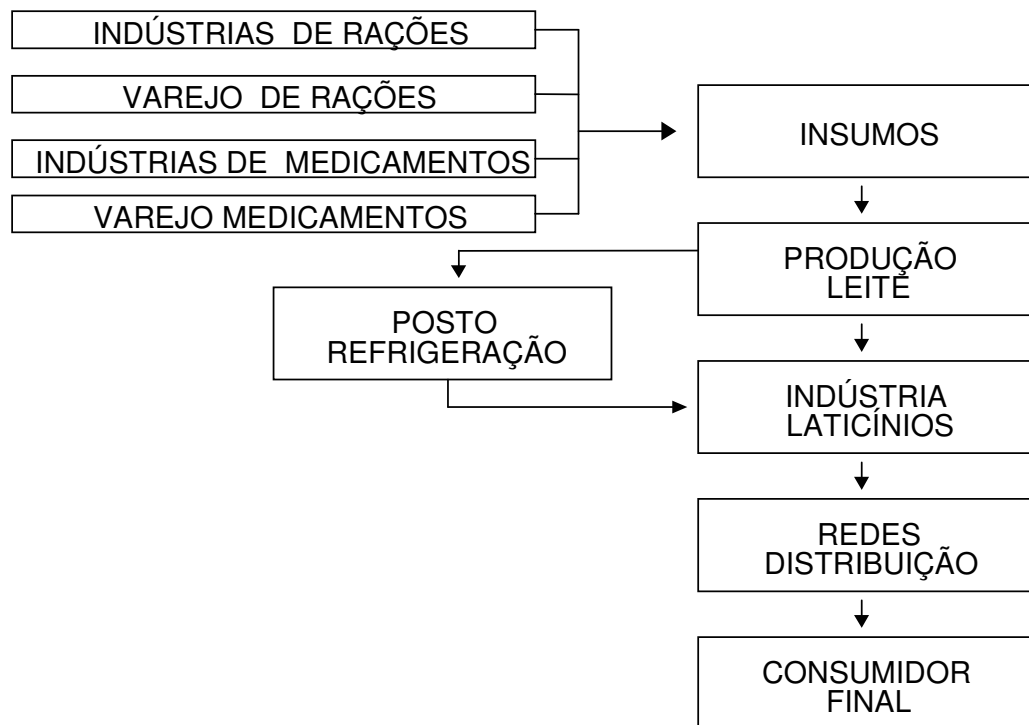


Figura 1: A cadeia produtiva do leite em Mato Grosso do Sul
Fonte: MICHELS *et al.* (2003)

Dada a estrutura da cadeia produtiva do leite no Estado, verificamos dentre os diversos elos da cadeia, fatores que venham a trazer efeitos negativos ao desenvolvimento da cadeia, tais como: a ausência de apoio técnico e gerencial aos pequenos e médios produtores (maioria no Estado), baixa profissionalização do produtor, manejo reprodutivo inadequado, ausência de ações coordenadas pelas diversas organizações que compõe essa cadeia, bem como demais fatores limitantes que tornam essa cadeia vulnerável a eventos externos.

3.4. PRODUÇÃO DE LEITE NO MATO GROSSO DO SUL

O Estado de Mato Grosso do Sul, tem sua economia baseada nas atividades agropecuárias, ressalta-se entre elas a produção leiteira, uma atividade bastante heterogênea,

sendo encontrada em maior parte das propriedades produções ainda incipientes e não profissionalizadas.

O Estado não é excelente na produção de leite, mas ocupa uma posição de 9º lugar na produção nacional, sendo o 2º na produção de leite do Centro Oeste.

A produtividade do rebanho é considerada baixa. Na década de 90, foram realizados investimentos através dos órgãos de assistência técnica estadual e convênios com prefeituras, o que fez um incremento positivo na atividade, com produtores buscando uma maior profissionalização através da suplementação do rebanho leiteiro, utilizando alimentos concentrados e volumosos, visando reduzir a sazonalidade.

A produção de leite encontra-se distribuída em oito bacias leiteiras, sendo que a bacia do Bolsão ocupa a posição de maior produtora, seguida da bacia de Campo Grande.

Atualmente temos visto o empenho e incentivo do governo estadual, federal e das empresas cooptadoras de leite desenvolvendo diversos projetos, entre eles: o projeto “Luz no Campo”, incentivando a aquisição de resfriadores de leite, visando dinamizar a produção de leite junto aos assentamentos rurais, bem como atender a legislação nacional (Instrução Normativa nº 51 do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento).

Segundo Bressan, Bressan e Fernandes (2001) em 1996, Mato Grosso do Sul contava com um efetivo bovino de 19,8 milhões de cabeças, sendo detentor do segundo maior rebanho do país, perdendo apenas para Minas Gerais, com 20 milhões de cabeças. Entretanto, apenas 37% da produção de leite do estado eram provenientes de rebanhos cuja finalidade é a pecuária leiteira, o que ressalta o baixo grau de especialização do rebanho e classifica o estado como sendo eminentemente de pecuária de corte. De acordo com o estudo realizado, no período de 1985/1996 a produção de leite do estado passou de 266 para 385,5 milhões de litros/ano, apresentando um crescimento de 44%. Os percentuais mais elevados foram observados nas Regiões de Cassilândia (104%), de Iguatemi (92%), de Nova Andradina (68%), do Alto Taquari (62%) e de Três Lagoas (53%). A região do Baixo Pantanal foi a única a apresentar decréscimo de produção no período (-14%).

3.5. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE LEITEIRA EM MATO GROSSO DO SUL

De acordo com Dahmer (2006), a cadeia produtiva do leite em Mato Grosso do Sul está estruturada basicamente em torno de pequenos produtores, aproximadamente 62,5% produzem até 50 litros/dia, os quais demandam da indústria e do Estado uma atenção específica e um acompanhamento constante.

Dahmer (2006) mostra que um dos principais problemas apresentados pela indústria e pelo pequeno produtor é a falta de linhas de crédito, porém este é somente um dos problemas que a indústria de laticínio do Mato Grosso do Sul apresenta, contudo existem vários outros decorrentes deste. A falta de financiamento para o pequeno produtor resulta na falta de renovação do plantel leiteiro, inexistência de investimentos para melhoria da pastagem, para melhoria no processo de ordenha, no transporte do produto até os tanques de resfriamento e/ou indústria, além de outros fatores que venham a influenciar na qualidade do leite.

Hoje a qualidade é um fator fundamental para a produção primária. A qualidade do produto baseada no valor, um dos enfoques utilizado por Garvin (1992), é definida via custos

e preços, sendo necessário para isso, proporcionar satisfação para o consumidor e um preço aceitável para a indústria. Sob esse aspecto, verificamos que há diversos fatores que possam causar variações nos custos de produção como também na formação de preços, sendo fundamental realização de análises relacionais indicando quais fatores possam contribuir para essas variações.

Quando tratamos da relação de mercado em Mato Grosso do Sul verificamos que dois são os fatores que possam contribuir para o desequilíbrio entre oferta e demanda. O primeiro é a sazonalidade na oferta e outro a uma demanda restrita. Segundo Dahmer (2006) essas variações sazonais na matéria-prima são reflexos da baixa especialização do produtor, que produzem uma quantidade maior de leite na época de safra em detrimento a entressafra. Fazendo uma relação com os possíveis encadeamentos que possam ocorrer dentro da cadeia produtiva do leite no Estado, verificamos que o menor volume de leite torna a indústria menos eficiente em relação à utilização dos equipamentos, estrutura física e recursos humanos, uma vez que nem sempre é possível a compra de leite no mercado *spot* (compra entre empresas ou através de cooperativas, prática pouco utilizada pelas indústrias do Estado), pois nem sempre é possível constituir uma demanda efetiva.

Segundo Martins (2004); Zoccal; Gomes (2005), afirmam que a questão da demanda está relacionada diretamente com a renda *per capita* da população, uma melhora na distribuição de renda do país induz o aumento do consumo de leite e derivados no país. Ainda segundo Martins (2004) a questão do leite no país está intrinsecamente ligado aos gastos do Governo e a situação que o país está com o resto do mundo, podendo estimular e desestimular a cadeia produtiva do leite no país.

3.6 SAZONALIDADE NA PRODUÇÃO LEITEIRA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

A empresa de laticínio brasileira tem sentido os malefícios da pecuária extrativista realizada em nosso país por produtores de leite ainda não especializados. A inconstância na oferta do volume de leite à indústria, conhecida como sazonalidade, ou entressafra tem ocasionado certa restrição no desenvolvimento da indústria.

A oscilação na entrega da matéria-prima representa um custo adicional para a indústria, pois gera um período de ociosidade na fábrica e um excesso na safra. Isso traz alguns conflitos para a indústria. A indústria assume o ônus da estocagem do excedente do leite recebido na safra e na entressafra assume a ociosidade de máquinas, equipamentos e mão-de-obra, pressionando dessa forma a rentabilidade das empresas.

Em decorrência da condução inadequada da atividade e pela falta de estrutura do nosso produtor, o clima ainda exerce influência negativa sobre a nossa produção. Podemos observar que a entressafra sentida pela indústria brasileira, ocasionada pela redução significativa do volume de leite nos períodos dos meses frios, compreendidos entre março e setembro, pode ser facilmente equacionada se o produtor conduzir a atividade de forma profissionalizada.

Conforme afirma Gomes (2001) “Devido à falta de estrutura do setor leiteiro o clima é um dos fatores que exerce grande influência na produção leiteira, causando redução da quantidade de leite produzido nos meses compreendido entre março e setembro”.

Quando há profissionalização da atividade, os produtores procuram trabalhar no

sentido de garantir um nível de produtividade constante independente de fatores climáticos. Temos visto em algumas regiões a superação sazonal em função da organização e competência na condução da atividade leiteira.

Há determinadas regiões onde produtores já trabalham no sentido de não interferência dos fatores climáticos na produção leiteira. De 1997 para 1998 a diferença da produção nos períodos de safra e entressafra representava 25%. De 2005 para 2006 esta diferença foi de 7,9%. De acordo com o presidente da Comissão Técnica do Leite da Federação de Agricultura e Agropecuária de Minas Gerais (Faemg), Eduardo Dessimoni, a estabilização da produção é uma tendência. (GOMES, p. 143, 2001).

A exploração da atividade leiteira possibilita aos produtores uma remuneração, que na maioria das vezes é caracterizado por um repasse mensal, garantindo a subsistência da família, tanto na área rural como na área urbana, visando à melhoria do setor leiteiro, tendo que buscar novas tecnologias para o setor.

Para que a atividade seja produtiva tem se buscado aliar a quantidade de volume entregue de leite à indústria, com um bom nível de qualidade. A indústria precisa garantir volume de leite e também a qualidade deste para produção de bons produtos.

Apesar de não estarem relacionados com a qualidade intrínseca do leite, o volume e a sazonalidade de produção são critérios considerados para o pagamento do produto, pois interessa aos laticínios captar leite junto aos produtores que forneçam grandes volumes diários de leite e que apresentem pequena variação sazonal da produção (FONSECA, p 54-56, 2001).

Em algumas regiões produtoras de leite uma mudança na concepção e ação dos novos produtores vem ocorrendo como forma de mudar a época de maior produção aliada com as necessidades da indústria. No verão a alimentação do rebanho é baseada em pastagens que se apresenta de forma satisfatória para suprir a necessidade do rebanho, sendo assim o custo de produção é relativamente baixo. No inverno se faz necessário uma maior suplementação com concentrados, visando garantir uma maior produtividade, onerando o processo de produção. Em qualquer época deve ser assegurado um preço justo para garantir a qualidade da produção de produtos lácteos.

O nosso sistema de produção ainda predomina grande parte da pecuária leiteira extrativista, ou seja, grande número de produtores com um pequeno nível de produtividade, dado a baixa profissionalização do produtor aliada ao rebanho não especializado, disponibilizando para a indústria a sua produção de acordo com as condições climáticas favoráveis.

Cerca de 83% dos produtores de leite brasileiros entregam até 300 litros por dia , o sistema de produção é o retiro, em que o extrativismo domina, isto é, quando se tem chuvas há produção de leite; quando não, o volume chega a cair até 60%, além disso os índices reprodutivos e produtivos são extremamente afetados pelo período seco do ano, devido aos produtores não reservarem alimentos para enfrentar a estiagem (FARIA, p. 03, 2000).

É importante ressaltar que a falta de profissionalização do setor também pode ser oriunda da política estabelecida pelas empresas no quesito relativo ao preço pago ao produtor, dado que as indústrias repassam ao produtor pagamento com base no mercado.

Conforme afirma Gomes (2001), a flexibilidade dos sistemas de produção decorre do comportamento dos preços relativos, ou seja, da relação preço do leite com o preço do insumo, impactando diretamente nos custos de produção ao produtor.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PERFIL DOS PRODUTORES

Os resultados alcançados pela pesquisa apontam que 77% das unidades produtoras são conduzidas por mão de obra masculina, e 23% por mão de obra feminina.

A idade média dos produtores encontram-se assim distribuída: 70% estão entre 40 a 50 anos; 16,66% acima de 50 anos e 13,33% entre 20 a 30 anos.

O nível de escolaridade observado revela ser bastante heterogênea, sendo constituído da seguinte forma: 36,66% com 3º grau completo; 3,33% com o 3º grau incompleto; 30% com 2º grau completo e 30% com 1º grau completo.

O tempo de trabalho em que atuam na atividade leiteira também foi outro critério mensurado, sendo distribuído da seguinte forma: 36,66% estão na atividade leiteira entre 5 a 10 anos; 36,66% estão entre 1 a 5 anos e 26,66% entre 10 a 20 anos, demonstrando ser uma atividade jovem perante a maioria dos produtores.

4.2 INSTABILIDADE NA PRODUÇÃO

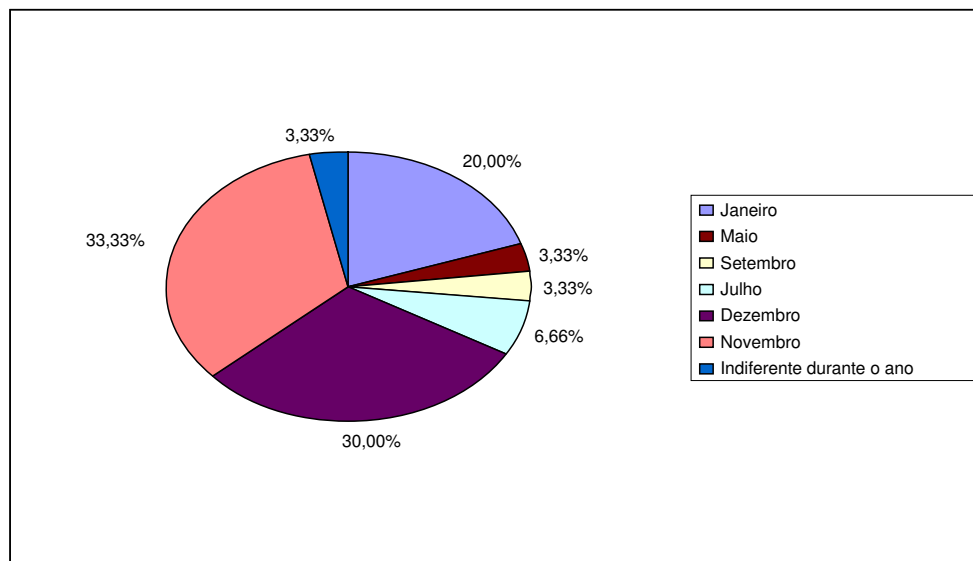


Figura 2: Meses de Maior Produção
Fonte: Elaborado pelo autor

Os meses de maior produção ficaram assim definidos (figura 2): 33,33% afirmaram ser o mês de novembro; 30% afirmaram ser dezembro e 20% afirmaram ser janeiro. Os meses de menor produção ficaram assim distribuídos: 43,34% responderam ser julho; 30,01% responderam ser agosto e 10,00% responderam ser junho. Em casos isolados, verificou-se em algumas unidades produtoras, a produção ser indiferente durante o ano, uma vez que utilizam de sistemas de manejo rotativo, bem como de suplementação alimentar durante o ano todo.

Em relação à sugestão para amenizar os problemas da redução do leite na entressafra, foram unânimes em afirmar que a solução passa pela aquisição de matrizes com melhores índices de produção, sendo a venda facilitada pelo laticínio captador de leite, financiando em parcelas acessíveis ao produtor ou mesmo através de programas sociais do Governo federal e/ou estadual.

De maneira geral, os produtores vislumbram melhores horizontes, através da aquisição de um rebanho especializado e uma melhor suplementação alimentar, haja vista que a redução da produção, decorre, dentre outros fatores, da depreciação das pastagens no período de seca.

A pastagem nos meses de entressafra apresenta-se escassa, por isso se torna essencial direcionar o manejo no sentido de atender as necessidades nutricionais do rebanho leiteiro, ofertando uma suplementação alimentar através do uso de rações.

Outras medidas, tais como a sincronização de “cios”, evitando o nascimento de bezerras no período de secas, vêm ganhando forças, viabilizando o incremento da produção nesse período, uma vez que a indústria necessita dessa regularidade na produção durante os diversos períodos do ano.

Segundo dados fornecidos pelo laticínio “C”, no ano de 2005 os meses de junho a setembro foram os meses críticos na produção de leite, com índices de redução de captação de matéria prima de até 22,00 %, impactando diretamente no processo de transformação do produto, como demonstrado na figura 3:

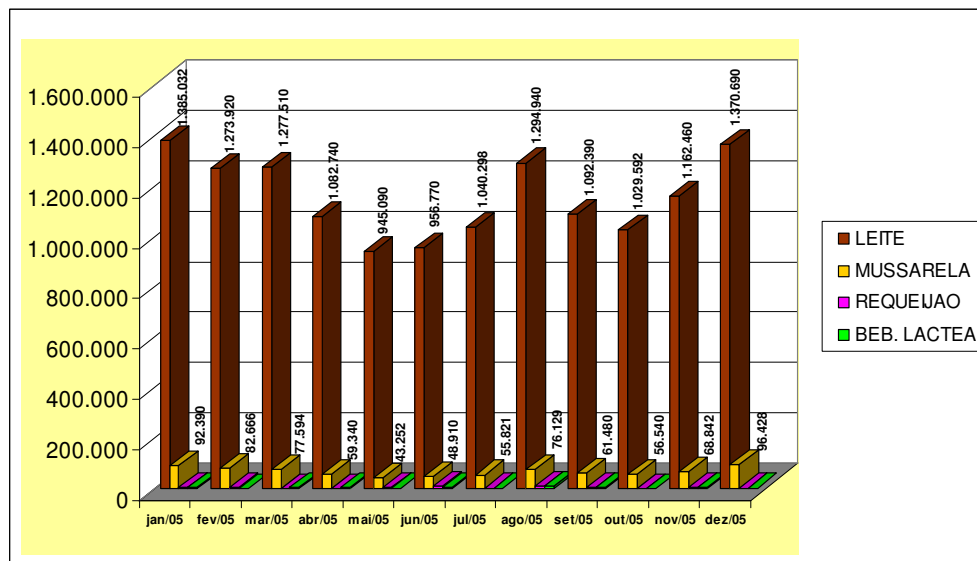


Figura 3: Captação de leite no ano de 2005

Fonte: elaborado pelo autor

Já para 2006, no mesmo período analisado a redução foi de 28,00 %, conforme demonstrado na figura 4:

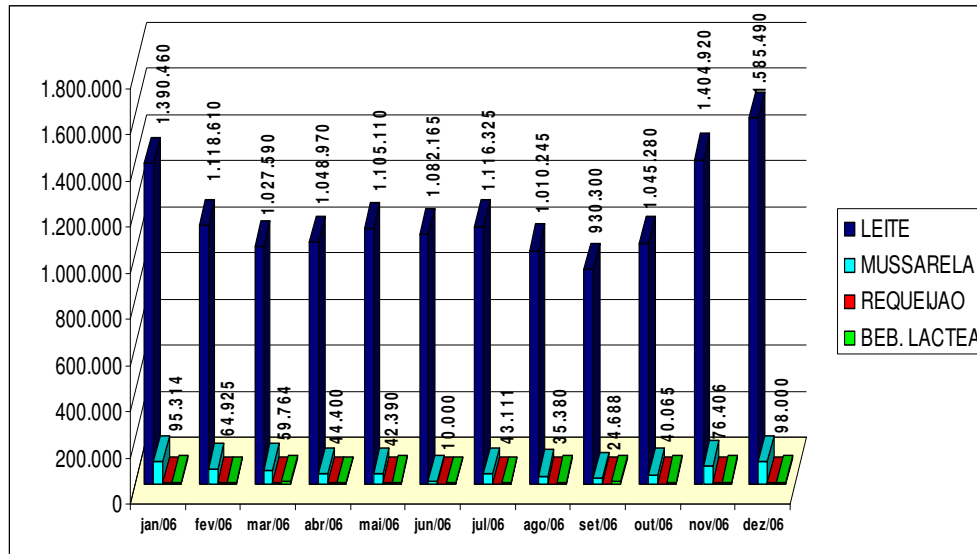


Figura 4: Captação de leite no ano de 2006

Fonte: elaborado pelo autor

Segundo dados observados da produção nos diferentes meses do ano, a redução observada no período de seca entre 2005 a 2006 ficou em média 25%, demonstrando uma redução de aproximadamente 30% no processo de transformação do produto, reduzindo a oferta desses produtos no mercado.

A opção de melhoria na alimentação, pastagem e utilização de reserva de inverno foram selecionadas pelos entrevistados como eficazes para minimizar a sazonalidade da produção.

Do total dos entrevistados, 19,15% afirmaram que a melhoria no manejo do rebanho e na qualidade deste, ameniza os problemas da produção de leite. Vislumbram melhores horizontes, através dessa aquisição e buscam uma melhora no manejo. Acredita que se puderem oferecer uma suplementação alimentar, haja vista que a redução da produção é decorrente da redução das pastagens no período de seca, conseguiriam manter um bom nível de entrega em volume de leite na entressafra.

A pastagem nos meses de entressafra apresenta-se escassa, por isso se torna essencial direcionar o manejo no sentido de atender as necessidades nutricionais do gado leiteiro, ofertando uma suplementação alimentar através do uso de rações.

De acordo com a pesquisa realizada, 10,64% acreditam que a melhoria do preço pago ao produtor resolveria o inconveniente de redução da produção, via melhoria de pastagens, suplementação em períodos de baixa produção, entre outros. Ficou evidente a reclamação quanto ao valor pago por litro de leite no período das águas (safra), dado as condições do mercado.

Segundo dados observados da produção nos diferentes meses do ano, a sazonalidade atingiu índices de 15 % no ano de 2005 e 17% no ano de 2006, apesar dos esforços da empresa em disponibilizar meios que visam reduzir essa sazonalidade.

Visando incentivar o pequeno produtor de leite a permanecer na cadeia produtiva,

foram instalados, por parte do laticínio analisado, tanques resfriadores comunitários em propriedades selecionadas, visando atender a legislação em vigor, bem como prezar pela qualidade da matéria-prima.

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O Estado de Mato Grosso do Sul, apresenta-se como um dos mais promissores no desenvolvimento da produção leiteira nacional, dado suas potencialidades. Ocupa uma posição de destaque a nível nacional, com um dos maiores rebanhos, e encontra inserido no novo circuito de produção leiteira, região Centro Oeste, cuja predominância até então se voltava a região Sul e Sudeste.

Temos observado que o índice de produtividade no rebanho ainda não é significativo, e a instabilidade sazonal vem sendo sentida pela indústria e pelo produtor.

Quanto ao mercado internacional, para poder garantir a exportação precisa-se ter como base uma produção estável com elevada produtividade. Por isso se tornam importantes ações governamentais, empresariais e das demais organizações presentes na cadeia produtiva do leite para evitar a alternância em volumes de leite entregue, fazendo com que a entressafra e a sazonalidade não prejudique esse segmento que tem sido constantemente apontado como um dos segmentos responsáveis pelo desenvolvimento e crescimento macroeconômico do país.

A sazonalidade, presente no Estado, sobretudo no laticínio analisado, se deve basicamente a duas forças: a primeira é a predominância dos sistemas de produção à base de pasto (produção ainda caracterizada como extrativista), enquanto a segunda é impulsionada pela modernização da pecuária e pela indústria, em razão da ociosidade causada pela sazonalidade, em especial na região Centro-Oeste.

Diante dos fatos apresentados, é necessário repensar a atividade leiteira como uma prática produtiva, profissionalizada, reduzindo os impactos negativos advindos da estação de menor produção de pastagens (inverno).

Para tanto é preciso investir em sistemas de manejo, seleção de rebanho de aptidão leiteira e estabelecer uma política de preço por parte da indústria que seja satisfatória para os diversos elos da cadeia, sobretudo o elo indústria e o elo produção.

Como parte deste investimento que deve ser realizado pela indústria para possibilitar um incremento na produção leiteira, o laticínio analisado, tem realizado parcerias com o produtor de leite, oferecendo linhas de financiamento na aquisição de tanques resfriadores. Essa iniciativa oportuniza a inclusão do produtor no sistema de resfriamento do leite na propriedade, cumprindo exigência legal e assegurando um leite de melhor qualidade, uma vez que o leite resfriado imediatamente após ordenha e assim mantido na propriedade até o envio para o laticínio tem um período maior de durabilidade, livres de bactérias que possam prejudicar a qualidade da matéria prima, bem como contribuindo no processo produtivo ao longo da cadeia produtiva para se obter produtos de qualidade.

É certo que medidas governamentais têm um peso maior na resolução de problemas ligados ao agronegócio brasileiro, porém as empresas têm uma grande parcela de contribuição a desenvolver na resolução de problemas que afetam a sua produção e produtividade.

Diante disso se faz necessário encontrar soluções para o aumento da escala de produção de forma a se conseguir uma estabilidade na produção leiteira durante o ano. Uma boa política seria a manutenção de pequenos produtores no campo, aliados com programas educativos de incentivo a reestruturação nas propriedades rurais, através da substituição de parcela do rebanho e alocação das receitas em alimentação, principalmente através de pastagens e utilização de suplementos.

A indústria leiteira atravessa um período de intensas transformações em sua estrutura, se identifica como principal tendência à diferenciação do pagamento ao produtor e o aumento nas exigências de qualidade do leite por parte das indústrias aliado ao fornecimento do leite na safra e entressafra com a mesma qualidade e quantidade. Dessa forma verificou-se a necessidade da atividade ser reavaliada por aqueles que desejam continuar se mantendo com a produção leiteira, pois a indústria para se estabelecer e se firmar enquanto produtora de produtos lácteos precisa de regularidade e qualidade no fornecimento da matéria prima – o leite *in natura*.

Dentro dessa nova perspectiva é preciso que o produtor centralize suas forças em prol de uma atividade altamente profissional tornando-a rentável e eficaz.

6. REFERÊNCIAS

- BACARJI, A. G. As Organizações na Garantia da Qualidade do Leite em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Departamento de Economia e Administração 2006, 99p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande.
- BRESSAN, M., BRESSAN, A. A., FERNANDES, E. N. Indicadores sobre produção de leite no Brasil e em Mato Grosso do Sul. Juiz de Fora, MG: EMBRAPA, 2001.
- CARVALHO, L. A. Sistema de produção de Leite, 2005 (Cerrados). Disponível em: <<http://www.cnpqi.embrapa.br>> Acesso em: 16 de março de 2007.
- DAHMER, A. M. Avaliação da Gestão da Qualidade na Indústria de leite do MS. Campo Grande: Departamento de Economia e Administração, 2006, 220p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA Gado de leite. Estatísticas. Dados dos estados brasileiros: Produção de Leite, Vacas Ordenhadas e Produtividade Animal no Brasil – 1980/2005. Disponível em: <<http://www.cnpqi.embrapa.br/>>. Acesso em: 04 de abril de 2007.
- FARIA, V. P. Problemas para a produção de Leite no Brasil: Preços agrícolas, mercados e negócios agropecuários. Piracicaba, SP, v.14, nº. 160, p. 03, fev. 2000.
- FONSECA, L.F.L. Qualidade do leite e sua relação com equipamento de ordenha e sistema de resfriamento. Simpósio internacional sobre qualidade do leite, 2001, Curitiba: [s.n], 1998, p.54-56.
- GARVIN, D. A. Gerenciando a qualidade: a visão estratégica e competitiva. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

GOMES, S. T. O sonho da estabilidade do preço do leite. Viçosa, MG. *Jornal da Produção de Leite*, p. 143, 2001.

GUERREIRO, P. K. *et al.* Qualidade microbiológica de leite em função de técnicas profiláticas no manejo de produção. *Ver. Ciências Agrotécnicas*, Lavras, MG, Vol. 29, nº. 1, p. 216-222, jan.- fev, 2005.

GUIMARÃES, P. O Brasil Laticinista. *In: UM ENFOQUE DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO I.L.C.T.* Juiz de Fora, MG, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa da Pecuária Municipal, 1990-2003. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pecua/>>. Acesso em: 06 de março de 2007.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Metodologia de trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projetos e relatórios, publicação e trabalho científico. São Paulo: Atlas, 7ª ed., 2003.

LINS, P. M. G; VILELA. P. S. (Coords). Diagnóstico da pecuária leiteira do Estado de Minas Gerais em 2005: relatório de pesquisa. – Belo Horizonte: FAEMG, 2006.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, P. C. Políticas públicas e mercados deprimem o resultado do sistema agroindustrial do leite. Juiz de Fora: Embrapa Gado de leite, 2004.

MARTINS, P. C. *et al.* Construindo o futuro do cooperativismo de leite. *In: MARTINS, P.C. et al. O FUTURO DO COOPERATIVISMO DE LEITE.* Juiz de Fora: Embrapa Gado de leite, 2004.

MICHELS, I. L. *et al.* Estudo das Cadeias produtivas de Mato Grosso do Sul: Leite. *In: MICHELS, I. L. (Coord.) ESTUDO DAS CADEIAS PRODUTIVAS DE MATO GROSSO DO SUL.* Campo Grande: Oeste, 2003.

NALESSO, R. Z. Leite Brasil sai em defesa do produtor brasileiro. *Revista Leite e Derivados*, nº. 79, p. 6 - 10, Ago, 2004.

PRIMO, W. M. Entressafra no Brasil: meio século de drama. *Revista Indústria de Laticínio*, São Paulo, v. 1, n.2, jun, 1996.

ROESCH, S. M. A. Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração: Guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

XAVIER, A. J. Leite: atividade rentável à espera da produtividade. *Revista Leite e Derivados. V Catálogo Brasileiro de Produtos e Serviços*, p.80, 1997.

ZOCCAL, R; GOMES, A. T. Tendências na produção de leite no Brasil. *In: XXII CONGRESSO NACIONAL DE LATICÍNIOS – Inserção do Brasil no Mercado Internacional de lácteos.* Juiz de Fora. 2005. *Anais...* Juiz de Fora: jul/ago. 2005. v. 60, p. 74-77.